

FILHOS DOS DEUSES

© 2023 — José Andrade Filho

Filhos dos Deuses Os herdeiros da Terra

José Andrade Filho

Inspirado pelo Espírito

Luiz Vaz

Todos os direitos desta edição reservados a
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – Vila Teixeira Mar-
ques CEP 13485-150 — Limeira — SP
Fone: 19 3451-5440
www.edconhecimento.com.br
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos auto-
rais, é proibida a reprodução total ou parcial, de
qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico
ou mecânico, inclusive por processos xerográficos,
de fotocópia e de gravação — sem permissão, por
escrito, do editor.

Projeto gráfico: Sérgio Carvalho
Ilustração da Capa: Banco de imagens
Revisão: Mariléa de Castro

ISBN 978-65-5727-180-3 — 1ª Edição – 2025

• Impresso no Brasil • *Presita en Brazilo*

Produzido no departamento editorial da
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA
Impresso na



a gráfica digital da **EDITORA DO CONHECIMENTO**
grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

Filho, José Andrade

Filhos dos Deuses: os herdeiros da Terra / José
Andrade Filho / inspirado pelo espírito Luiz Vaz –
Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2025.

240 p.

ISBN: 978-65-5727-180-3

1. Literatura espírita 2. Filósofos 3. Grécia 4. Egi-
pto 5. Biblioteca da Alexandria I. Título II. Vaz, Luiz
(espírito)

25-0068

CDD – 133.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura espírita

José Andrade Filho
Luiz Vaz (Espírito)

FILHOS DOS DEUSES

Os herdeiros da Terra

Romance histórico transcendental
inspirado em fatos reais

1ª edição
2025



Obras do autor:



Paraísos Perdidos



Guerra Astral



A Rede Allianz



Filhos dos Deuses

A esperança é o sonho do homem acordado.

Aristóteles – filósofo grego (384–322 a.C.)

Tudo é duplo, tudo tem dois polos, tudo tem o seu oposto.

Hermes Trismegisto – hierofante egípcio (2.700 a.C.)

Para bem conhecer uma coisa é preciso tudo ver, tudo aprofundar, comparar todas as opiniões, ouvir os prós e os contras, escutar todas as objeções e finalmente só aceitar aquilo que a mais severa lógica pode admitir.

Allan Kardec – (1804-1869)

Texto extraído do boletim da Sociedade de Estudos Espíritas, ata dos trabalhos da sessão geral de 20 de julho de 1860

E conhecerão a verdade, e a verdade os libertará.

João 8:32

Personagens

Agáprio de Mitilene – filósofo grego, filósofo, professor e tutor de Diodoro

Aléxis – líder espiritual trevo – legião da Serpente negra

Amenadiel – comerciante egípcio

Amenhotep – amigo de infância de Diodoro, operário de construção

Apolônio de Sebta – sacerdote cristão ortodoxo e conservador

Aristóteles – antigo filósofo grego - líder espiritual

Arquimedes – matemático, físico, engenheiro, inventor, filósofo e astrônomo grego

Asafe – soldado do exército egípcio e ladrão

Atena – guardiã e protetora espiritual de Hipátia

Calisto – guardião de Diodoro e Hipátia

Cerbius – Espírito trevo – chefe da sombria falange Serpente negra.

Cirilo Plínio – Bispo e patriarca da Igreja na cidade de Alexandria

Cornélio – ex-gladiador, protetor de Theon, Hipátia e Diodoro

Crésus – Prior católico de Memphis, ex-chefe de Apolônio

Demétrius – irmão 5 da ICO

Demócrito – irmão de Diodoro

Diodoro Ziyad – aluno de Hipátia

Dionísio de Tessália – filósofo grego

Eleni – Esposa do filósofo grego Agáprio

Elmahdy (o guiado) – filho de Amenhotep

Erasto de Tebas – bibliotecário-chefe

Ermenes – médico, filho de Erasistrato, um grande médico e anatomista

Gregório di Santi – estudioso das ciências naturais em Antióquia

Gúrde – matemático de Antióquia

Hipátia de Alexandria – Professora da Academia de Alexandria

Jean Patrik – jornalista da Magnun Press
Kéfera – serviçal da casa do bispo Sinésio
Leda – serviçal da casa de Theon
Mahmoud Al Farik – Professor e pesquisador da Universidade de Oxford - UK
Melih – irmã de Theon
Monge Amónio – amigo do bispo Cirilo e membro ortodoxo da igreja
Noah – irmão 9 da ICO
Octávio – Chefe da equipe de guardiões da luz – protetores de Hipátia e Diodoro
Orestes – bispo e prefeito da cidade de Alexandria, ala moderada da Igreja.
Pietro – guardião espiritual protetor de Diodoro
Radamés – militar do exército egípcio e amigo de Hipátia e Theon
Rael e Seth – irmãos 6 e 9, respectivamente, da ICO
Rami Shivanshika – sacerdote hindu
Sávio Tarquínio – espírito de luz, coordenador da equipe espiritual
Seth – membro secundário da seita guardiões de Amon-Rá
Sila – esposa de Amenhotep
Sinésio de Cirene – Bispo da cidade de Ptolemais, na Cirenaica
Solon – fundador da seita guardiões de Amon-Rá
Suli – irmã de Yohan
Theon de Alexandria – Professor da Academia e pai de Hipátia
Zedak – irmão 1 da ICO
Yohan – membro da seita Guardiões de Amon-Rá
Zion – serviçal da casa do filósofo grego Agápio

Antecedentes históricos

O macedônio Alexandre Meryamun Setepenra tornou-se rei da Macedônia aos 20 anos de idade, em 336 a.C., sucedendo ao seu pai, o rei Filipe II. Conhecido como Alexandre Magno, o jovem herdou um reino robusto com um exército forte e poderoso que lhe permitiu empreender sucessivas e exitosas campanhas militares e, num curto período de 13 anos, ele conquistou a Ásia Menor, a Pérsia, territórios da Mesopotâmia, o Egito e uma parcela da Índia, formando um grande império que englobava territórios que se estendiam da Grécia ao norte da África e alcançava o noroeste da Índia.

No ano de 331 a.C, Alexandre, o Grande, conquistou o Egito e inaugurou o reinado da dinastia Ptolomaica e, para deixar o seu legado, fundou a cidade de Alexandria, que se tornaria a capital do Egito durante cerca de mil anos, um centro urbano pujante e próspero onde foi erguido, durante o reinado de Ptolomeu I a Escola de Alexandria, um centro acadêmico especializado nas ciências naturais, filosofia e matemática, o maior e mais completo centro de estudos e pesquisas do mundo antigo. Ptolomeu II, sucedendo ao legado do seu pai, criou a monumental e imponente biblioteca de Alexandria, que viria a se transformar em um polo cultural helenístico e berço do saber até o período de dominação romana.

A cidade estava situada na costa mediterrânea, na região centro-norte do Egito e seu porto era um dos mais importantes, tendo sido erguido em seu quebra-mar o grande Farol de Alexandria, considerado uma das sete maravilhas do mundo antigo. O acervo da biblioteca de Alexandria foi iniciado com a coleção de Demétrius de Alvalery e foi a

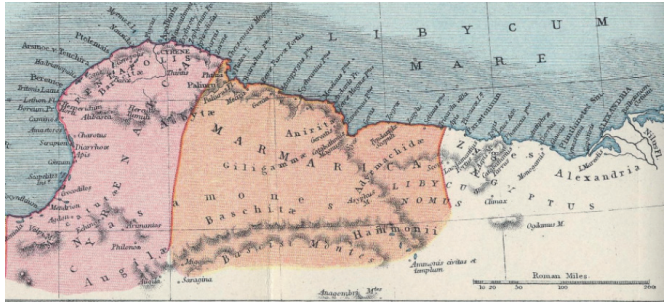
partir deste núcleo que a biblioteca passou a reunir uma grande quantidade de rolos de papiros, pergaminhos manuscritos, livros, mapas e documentos das diversas áreas do conhecimento humano como as ciências naturais e físicas, matemática, filosofia, alquimia, astronomia e até ciências ocultas e religiosidade. A biblioteca incentivava o desenvolvimento cultural, o espírito criativo de literatos e o senso investigatório dos sábios e detentores de vastos conhecimentos. Seu acervo foi, durante séculos, um grande polo difusor da herança cultural e científica para a humanidade, se rivalizando com a Escola de Atenas, na Grécia.

Manuscritos e papiros escritos em diversos idiomas eram comprados no porto de Alexandria para compor o acervo ou, se não pudessem ser comprados, eram copiados e devolvidos em seguida aos seus proprietários. A busca por conhecimentos era incessante e seu patrimônio cultural reuniu cerca de setecentos mil obras literárias, acadêmicas e religiosas, um vasto repositório que era consultado e estudado por notáveis, sábios e intelectuais em frenética atividade cultural e científica. Como polo difusor de conhecimentos por mais de sete séculos, a biblioteca contribuiu para formar as correntes de pensamento universais que influenciaram muitos acadêmicos do mundo antigo, cujo legado para as diversas ciências, para a literatura, a matemática, a filosofia e a religião foram de inestimável valor.

Mentes brilhantes, abnegadas e comprometidas com o bem maior atuaram incessantemente nas esferas física e extrafísica para promover o progresso humano e impedir que o furor negativo e destrutivo dos ignorantes que agiram ao longo dos séculos para aniquilar o legado de sabedoria e de luzes edificantes que irradiavam do alto e envolviam a biblioteca, a Academia e os acadêmicos pesquisadores do mundo antigo, que estavam envolvidos no processo de esclarecimento e evolução da humanidade terrestre, obtivessem êxito.

Apesar dos inúmeros incidentes e percalços do caminho evolutivo humano, das inúmeras tentativas de destruição do significativo acervo de sabedoria das bibliotecas de Alexandria e do Serapeu, para onde foi transferido o acervo remanescente depois dos incêndios que acometeram a grandiosa biblioteca de Alexandria e da insidiosa e agressiva ação contra os divulgadores do conhecimento e promotores do progresso, prevaleceram os designios esta-

belecidos pelas diretrizes superiores da luz. Emissários espirituais sempre agiram com extremada precisão e foco nas leis naturais divinas, eternas e imutáveis do progresso, do trabalho, da liberdade, da justiça e do amor e continuarão irmanados com todos aqueles que se posicionarem a favor do processo evolutivo coletivo da humanidade terrestre. As verdades temporariamente ocultadas serão trazidas à luz para engrandecer e iluminar os caminhos do progresso; elas emergirão como fontes de inspiração, como alicerces para construção de uma humanidade mais esclarecida e como guias para balizar a sua trajetória evolutiva na eternidade dos povos filhos de Deus, senhor da vida e Fonte criadora do Universo.



Mapa dos domínios romanos do Egito, Marmárica e Cirenaica

Capítulo 1

Oxford, Reino Unido, dezembro de 1998

– Este momento magnífico merece algumas considerações históricas importantes – disse o professor Mahmoud Al Farik à plateia do Congresso mundial de Arqueologia e História presente no auditório principal da Universidade de Oxford, a mais antiga do mundo anglófono, localizada na cidade de Oxford, no Reino Unido. No final de uma tarde fria de dezembro ele apresentava uma palestra especializada para estudiosos e pesquisadores para divulgar suas mais recentes descobertas científicas.

– O rei Hamurabi da Babilônia construiu uma majestosa biblioteca e reuniu um belíssimo acervo de obras contendo leis, ensaios de matemática, compêndios de astronomia, registros de história e textos de literatura poética. O acervo reunia também muitas tabuletas de argila grafadas na língua suméria, em escrita cuneiforme, cujo conteúdo nos brinda com inestimável cabedal de conhecimentos. Além da biblioteca real, os arqueólogos descobriram as ruínas de duas outras bibliotecas que se localizavam nas cidades antigas de *Shaduppum* e *Sippar*. Nas escavações arqueológicas os pesquisadores e cientistas encontraram 83 tábuas de argila escondidas em um local subterrâneo que, para nossa sorte, possibilitou a salvaguarda dos materiais, protegendo-os das intempéries dos séculos e dos saqueadores. Dentre as mais de 80 tábuas de argila, 23 chamaram a nossa atenção pela importância e originalidade de seus conteúdos e foram nessas relíquias históricas, escritas no idioma sumério e acadiano, que nos debruçamos para realizar um estudo metódico e aprofundado.

A assistência daquele importante congresso ouvia o relato do professor Farik com atenção e admiração. Os integrantes dos órgãos de imprensa que haviam sido convidados para cobrir o evento estavam inquietos e ávidos por notícias que lhes rendessem manchetes de primeira página nos principais meios de comunicações do mundo. O lançamento de um livro completava os esforços de divulgação.

– O ponto de partida das descobertas foram os registros e relatos encontrados na biblioteca de Adriano, também conhecida como a biblioteca das cem colunas coríntias, uma belíssima edificação criada e construída no lado norte da Acrópole de Atenas pelo imperador romano Adriano, no ano 132, cujo acervo remanescente foi transferido, em 1987, para a Biblioteca Nacional da Grécia, local onde foram encontrados os antigos registros de Diodoro Ziyad agregados às transcrições das tabuletas de argila sumérias e acadianas que continham os muitos segredos que permaneceram ocultos da humanidade.

A partir das primeiras descobertas, estudos subsequentes revelaram a fonte primária das referidas transcrições: a terra de *Shin'ar* – nome bíblico da Suméria, civilização que floresceu no sul da Mesopotâmia, que é a área localizada entre os rios Tigre e Eufrates, correspondente ao território atual do Iraque, Irã e Jordânia, no Oriente médio. Os conteúdos das referidas transcrições e dos registros deixados por Diodoro Ziyad foram confrontados e corroborados pelas 23 tábuas de argila em escrita cuneiforme originais datadas de 2.900 a.C., que inicialmente haviam sido depositadas na biblioteca de Nínive, capital Assíria, situada na margem esquerda do rio Tigre, pelo cruel Assurbanípal, o último grande rei da Assíria e mentor da invasão do Egito. As tábuas de argila em escrita cuneiforme permaneceram longo tempo escondidas até serem encontradas no ano de 1987, por uma equipe de egiptólogos que as armazenou adequadamente para aguardarem serem estudadas, fato que demorou para acontecer e somente agora eu e minha equipe de estudiosos e pesquisadores conseguimos identificar e correlacionar os conteúdos entre as 23 tábuas, as transcrições sumérias e os registros e narrativas deixadas pelo filósofo e historiador Diodoro Ziyad.

Farik fez uma breve pausa e percebeu que a assistência estava em silêncio, compenetrada, ouvindo o que ele tinha a dizer. Ele olhou para os diferentes semblantes das

pessoas sentadas nas primeiras fileiras de poltronas e alargou o seu olhar para o fundo do auditório e então voltou a falar.

– Diante do relato de Diodoro, uma fonte confiável, obtivemos a confirmação de que se tratava de segredos, cuja revelação foi adiada devido a circunstâncias ideológicas, motivos políticos e crenças religiosas que, de acordo com o próprio Diodoro, configuravam um cenário inapropriado às divulgações, devido à falta de amadurecimento intelectual e moral das civilizações da época. As repercussões que tais conhecimentos ocultados poderiam ter acarretado milênios atrás, certamente transformariam a maneira de pensar do homem e dariam um novo rumo ao progresso da humanidade, visto que tinham o condão de provocar uma ampla abertura consciencial, patrocinada pelo entendimento sobre a origem e a trajetória da humanidade terrestre. Poderia ter contribuído para a elucidação de eventos importantes e impactantes que ocorreram ao longo de nossa história e que foram, por dilatado tempo, analisados somente pela ótica do mito, da fábula ou do indiscutível e incontestável registro religioso. Se tivéssemos adotado uma postura de entendimento diferente, esses conhecimentos poderiam ter alçado a ciência humana a um patamar de desenvolvimento sem precedentes.

Um homem de meia idade, cabelos grisalhos perfeitamente penteados e assentados com fixador de cabelos, vestindo um terno de cor bege, camisa branca e gravata vermelha levantou o braço pedindo permissão para falar. O professor Farik o observou e rindo concedeu-lhe a palavra. Ele já era um antigo conhecido de palestras e coletivas de imprensa anteriores, um jornalista com uma sede insaciável por descobertas científicas surpreendentes, cuja divulgação de qualquer matéria em primeira mão pudessem lhe render prestígio.

– Prossiga, prezado Jean – autorizou o professor, citando o conhecido representante de importante veículo de mídia pelo nome, respeitosamente.

– Agradeço em meu nome e em nome da agência Magnum Press – disse o interlocutor de Farik. – O ilustre professor vai contextualizar as suas descobertas, mesmo que resumidamente, aos participantes do Congresso aqui presentes? O senhor bem sabe que precisamos nos anteciper e avaliar se concretamente é viável investir tempo e

espaço midiático a uma descoberta apenas supostamente significativa.

– Sim, eu entendo, Jean. Farei uma apresentação e prometo que não os decepcionarei, não obstante, os senhores e senhoras poderão obter maiores detalhes e algumas informações impactantes no livro que eu autografarei no salão anexo a este auditório para os convidados desta palestra científica aqui presentes e o público leitor de minhas obras. O conteúdo do livro está repleto de preciosidades – as verdades ocultadas as quais me referi anteriormente – afirmou ele, antes de iniciar sua exposição. Eu não posso deixar de mencionar o envolvimento de ilustre personagem de nossa história universal que se empenhou com afincos e determinação para que o códice pudesse chegar às nossas mãos: Hipátia de Alexandria, filósofa, matemática, astrônoma e professora da Academia de Alexandria, uma mulher incrível e muito à frente de seu tempo, que acreditou no potencial esclarecedor do conteúdo das transcrições sumérias para o progresso da humanidade.

Capítulo 2

Alexandria, Egito, 414 d.C.

O sol da tarde em Alexandria estava escaldante e permanecer do lado de fora da edificação onde se instalara a biblioteca Templo do Saber Universal era uma péssima ideia. Hipátia aguardou que o seu pai, Theon de Alexandria, um renomado matemático, filósofo, astrônomo e professor da cultuada Academia de Alexandria se aproximasse para poder abraçá-lo. Theon caminhava apressadamente e sem olhar para qualquer outra coisa que não fosse o chão no qual pisava, envolto em seus pensamentos.

– Estou feliz por encontrá-lo nesta tarde encantadora – disse Hipátia, abrindo os braços para abraçar o rabugento Theon.

Theon se surpreendeu ao ver a filha, estacou e a encanou, olhando diretamente em seus olhos. Em seguida deu dois passos firmes na direção dela e a abraçou com carinho.

– Não sou dado a abraços afetuosos com ninguém, no entanto, não consigo resistir aos seus encantos, minha filha – disse ele, expressando ternura nas palavras. – Você vai ministrar aulas hoje?

– Sim, mas antes farei algumas pesquisas sobre álgebra – respondeu com um leve sorriso nos lábios. – Você bem sabe que a matemática é minha paixão, não é?

– Nunca duvidei.

Hipátia nasceu em Alexandria, no ano de 370 e cresceu em um ambiente de rigor nos estudos para adquirir sabedoria e disciplina física para atingir o ideal helênico “*mens sana in corpore sano*”, citação de origem latina, extraída da obra poética do poeta romano Juvenal, cujo signi-

ficado é “mente sã em corpo sã”. Hipátia, sob a tutela de Theon, seu pai, estudou matemática, filosofia, astronomia, religião, poesia, artes, oratória e retórica na Academia de Alexandria. Theon se recusou a atribuir a Hipátia uma educação tradicional e a criou dentro dos princípios da tradição grega, como se fosse um filho. Ela se tornaria professora da Academia que a forjou, ocupando a cadeira de Plotino – um renomado filósofo grego do mundo antigo – ao retornar de uma viagem a Atenas, na Grécia, onde complementou seus estudos frequentando a Escola Neoplatônica.

– Sua mãe ficaria orgulhosa se pudesse vê-la ministrando aulas e realizando pesquisas importantes em nossa Academia.

– Sinto muita falta dela, pai, ela nos deixou muito cedo e repentinamente – desabafou Hipátia, soltando um suspiro e abaixando o olhar, demonstrando enorme pesar.

– Ela sempre defendeu a ideia de que as mulheres possuem tanta inteligência quanto os homens e ela estava certa. Quando olho para você, vejo a verdade diante de mim. O que impede as mulheres de brilhar como os homens são os preconceitos de nossa sociedade – disse Theon, tentando mudar de assunto para não reforçar a tristeza da filha.

– E o nobre professor sabe o motivo? – indagou Hipátia, encarando o seu pai com um olhar matreiro.

– Vivemos em uma sociedade patriarcal e dominada pela força do homem.

– Não é somente por isso, pai. É pelo medo da força da mulher, um ser poderoso que ameaça a hegemonia social e política do homem – completou ela.

Theon levantou a mão para impedi-la de continuar.

– Sei que esse assunto a inflama. Foi apenas um comentário, não vamos iniciar um diálogo filosófico aqui e agora, preciso entrar e me reunir com Silésio de Rodas para discutir uma variante do mapa astronômico. Estou ansioso para conhecer seus estudos e creio que ele certamente irá propor um acréscimo estelar em nosso atual mapa celeste – comentou Theon, demonstrando empolgação e curiosidade científica.

– Obrigada pelo seu apoio, pai. As mulheres...

Ela se calou e olhou para cima e para os lados, como se quisesse desviar os pensamentos.

– Então vamos sair logo deste alegre sol escaldante e adentrar aquele ambiente sisudo e silencioso do interior da

biblioteca, local onde eu não posso declamar meus poemas em voz alta, onde as discussões literárias precisam ser comedidas e temperadas e onde os homens ditam as regras?

– Sim – respondeu Theon, laconicamente.

– Querido pai e professor, um dia tomarei coragem e desafiarei a todos declamando meus versos em voz tão alta que até o imperador, lá no interior do seu suntuoso palácio, me escutará – disse Hipátia, de forma jocosa.

– Se assim o fizer, será a sua primeira e única declamação em voz alta – retrucou Theon. – Poderá perder essa sua língua indiscreta. Foi isso que eu ensinei a você?

– Siimm! Você me ensinou a pensar e o pensamento esclarece e liberta, assim sendo, você é o culpado.

Eles riram alto no momento que passavam pela ampla porta da biblioteca e receberam olhares de reprovação de frequentadores do local. Pai e filha se entreolharam e logo fizeram silêncio. Theon fechou o seu semblante, mas Hipátia manteve um maroto sorriso de canto de boca.

* * *

Hipátia percorreu com o olhar o amplo e iluminado salão da biblioteca do Templo do Saber Universal e se dirigiu à estante de obras de matemática e procurou o livro de comentários sobre aritmética de Diofanto de Alexandria, um importante matemático grego que viveu no século III antes de Cristo e era considerado pelos estudiosos como o grande desenvolvedor da álgebra. Ela havia iniciado a elaboração de um manuscrito sobre as teorias de Diofanto e mesmo muito envolvida em seu trabalho acadêmico, atendeu ao seu pai, que requisitava a sua participação na análise de um tratado euclidiano. Theon era um especialista na matemática de Euclides – matemático e escritor grego considerado o pai da Geometria – e ele queria a participação de Hipátia para desdobrar e esmiuçar a teoria dos números, das proporções, perspectivas e das seções cônicas euclidianas, para deixar os elementos matemáticos mais didáticos e compreensíveis aos seus alunos da Academia.

Hipátia era uma mulher bonita, nariz reto, queixo proeminente e cabelos castanho-claros ondulados, sempre presos em um coque na parte de trás da cabeça e por uma fita que passava pela testa e ia até a parte abaixo do coque, passando por cima das orelhas. Seus olhos castanhos e amendoados embelezavam ainda mais o seu semblante,

cujo sorriso harmonioso mostrava lábios volumosos e dentes alinhados. Além da beleza física, Hipátia demonstrava a intensidade juvenil de sua alma e a inquietude do seu espírito sempre em busca de novos conhecimentos, disposta a enfrentar com altivez os desafios e as vicissitudes de uma sociedade que tratava com indiferença a mulher. Ela era plenamente capaz de sustentar uma argumentação científica com os homens que acreditavam ser intelectualmente superiores. Muitos opositores de sua permanência como professora da Academia foram sobrepujados pela sua inteligência invulgar e admitiram posteriormente estar equivocados em relação às suas capacidades intelectuais e sólidos conhecimentos. Quando indagada a respeito de continuar solteira e não almejar um casamento, como faziam as outras mulheres da sua idade, Hipátia respondia com humor e irreverência que “*era casada com a verdade*” e decidira dedicar a sua vida aos estudos e ao ensino na insigne Academia de Alexandria, berço do saber, desenvolvendo atividades consideradas por ela o caminho para se obter sabedoria e o necessário esclarecimento que conduz à libertação intelectual e mental.

Hipátia ministrava aulas na Academia, sendo considerada uma professora querida, entusiasmada com o ensino e muito admirada pelos seus alunos que viam nela um cabedal de conhecimentos sólidos e potencialmente criativo. Era uma livre pensadora, muito à frente de sua época e dotada de uma sensibilidade intuitiva ímpar que possibilitava sua conexão com as correntes espirituais do pensamento e acessibilidade por parte de mentores espirituais que por intermédio dela contribuíam para com o desenvolvimento das ciências da época, fornecendo um contributo à humanidade terrestre. Ela era acompanhada por Atena, uma guardiã, um espírito protetor feminino que a intuía na prática do bem e fortalecia seu espírito arrojado e progressista apoiando-a nas escolhas e soluções para os problemas da vida, contudo, sem interferir no seu livre-arbítrio.

Capítulo 3

Erasto de Tebas, o bibliotecário-chefe, entrou na pequena sala contígua ao laboratório de alquimia da biblioteca Templo do Saber Universal para se reunir com seus três ajudantes de coleta. No interior da sala duas grandes estantes ocupavam toda a parede, do chão ao teto, com prateleiras em formato de losango, repletas de papiros soltos, papiros com capa de couro, pergaminhos e mapas enrolados, aguardando uma análise mais detalhada dos seus conteúdos. No centro da saleta havia uma mesa de madeira e sobre ela duas caixas com os materiais coletados pelos ajudantes durante a manhã daquele dia. Eles haviam percorrido os navios recém-chegados ao porto de Alexandria no dia anterior e os galpões de armazenamento de cargas em busca de exemplares de qualquer tipo de obra que pudesse conter algum conteúdo de interesse nas diversas áreas do conhecimento humano, para serem levados às bibliotecas, a fim de serem copiados e inseridos em seu gigantesco acervo.

Erasto possuía poder de requisição de qualquer obra que encontrasse e sua autoridade havia sido outorgada pelo prefeito de Alexandria e chancelada pelo próprio governador romano no Egito, que concedera ao bibliotecário-chefe e seus ajudantes poderes para adquirir obras com conteúdo relevante mediante a compra das mesmas, que eram pagas em dinheiro. Se não houvesse interesse do portador da obra em vendê-la, ela poderia ser requisitada e mediante empréstimo era copiada na biblioteca e depois, as cópias produzidas eram entregues aos seus respectivos proprietários, permanecendo o original na biblioteca. A negativa de venda ou empréstimo para cópia eram conside-